



## **A identidade discursiva de moradores de favela e traficantes no documentário e no telejornal<sup>1</sup>**

Thyanne SALES<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### **RESUMO**

As mídias têm o poder de influenciar a opinião pública e condicionar ações sociais à medida que relatam os principais acontecimentos do mundo. Nem sempre o que retratam corresponde à realidade. A identidade de moradores de favela e traficantes do Rio de Janeiro, por exemplo, é construída a partir de discussões superficiais e visões estereotipadas, provocando ainda mais desigualdades sociais. Através de um estudo comparativo entre o documentário "Notícias de uma Guerra Particular" (1999), de João Salles, e três reportagens sobre a Ocupação ao Morro do Alemão, veiculadas pelo Jornal Nacional da Rede Globo em 27/10, 30/10 e 04/10 este trabalho investiga os efeitos de sentido na construção discursiva da identidade de moradores de favela e traficantes.

**PALAVRAS - CHAVE:** identidade discursiva; traficantes; moradores de favela; documentário; telejornal.

### **1 INTRODUÇÃO**

No Brasil, cerca de 54,6 milhões<sup>3</sup> de pessoas vivem em favelas. Representando 26,4% do total de habitantes, os favelados formam, hoje, uma parcela significativa da população brasileira que vive em condições precárias, marginalizados da sociedade civil. Uma realidade facilmente perceptível. Os outros 73,6%, no entanto, só tomam conhecimento dessa realidade quando a mídia cede espaço para discussão.

É a partir de discussões provocadas pela mídia que assuntos como esse podem suscitar mudanças na sociedade. Mas, muitas vezes, ao invés de suscitar mudanças, o debate acarreta no surgimento de mais desigualdade social. Isso porque a imagem que temos de moradores de favela e traficantes, principalmente no que se refere à cidade do Rio de Janeiro, onde a situação do tráfico é mais alarmante, é em grande parte estereotipada pela mídia. Nem sempre o que é mostrado, corresponde à realidade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: [thay\\_sales@hotmail.com](mailto:thay_sales@hotmail.com)

<sup>3</sup> Relatório do Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (UN-HABITAT), 2010



As mídias abordam as questões político-sociais dos moradores de favela e traficantes através de um relato quase sempre ideológico.

As abordagens, geralmente superficiais, não revelam aquilo que realmente interessa à população, e poderia ser fator de mudança. Especialmente em reportagens de telejornais nacionais, os moradores de favela e traficantes aparecem sob acusação de violência para com a população abastada. Em sua maioria, os profissionais de jornalismo televisivo agem de maneira discriminatória, instigando a sociedade a oprimir esses sujeitos. Entretanto, esse comportamento não é unânime. Nem todas as mídias dedicam-se à exploração e acusação criminal dos moradores de favela e traficantes. No caso do documentário, a preocupação com as razões sociais da violência é maior. Geralmente, os fatos são analisados sociologicamente.

Como as mídias têm o poder de influenciar a opinião pública e condicionar ações sociais, é importante que nos dediquemos a decifrar o papel que elas desempenham na problemática de favelados e traficantes para que, de forma consciente, possamos refletir sobre ao assunto e encontrar soluções. Não é só o fato desses assuntos serem discutidos que pode transformar a realidade. O mais importante é como eles são discutidos.

Esse trabalho se propõe, então, a investigar a identidade discursiva dos traficantes e moradores de favela, através de um estudo comparativo entre o documentário "Notícias de uma Guerra Particular" (1999), de João Salles, e três reportagens sobre a Ocupação ao Morro do Alemão, veiculadas pelo Jornal Nacional da Rede Globo entre os dias 27 de novembro e 04 de dezembro de 2010, para perceber de que forma a mídia relata essas questões. As reportagens além de marcarem o início e o fim da operação de invasão ao Morro do Alemão, no Rio de Janeiro, nos permitem traçar um paralelo de 10 anos com o documentário, considerando sua data de lançamento.

Considerando as singularidades de cada mídia, pretendemos identificar as estratégias utilizadas para construir a identidade discursiva dos sujeitos em questão e descobrir quais ideologias estão presentes nessas construções. Como é feita a abordagem de casos sobre traficantes e moradores de favela em documentários e reportagens de telejornal? Que intenção está por trás do discurso que proclamam? Para a sociedade, quais as consequências das identidades construídas pelas mídias?



Baseados, dentre outras, nas referências de Norman Fairclough (2001) sobre Análise Crítica do Discurso (ACD), procuramos responder tais questionamentos. Mas antes de decifrar a forma como a identidade dos sujeitos em questão é construída, é necessário que conheçamos um pouco mais de perto a realidade da mídia brasileira, mais precisamente, a realidade da televisão e do relato de fatos jornalísticos nessa mídia.

## **2 TELEJORNAL E LUGAR DE REFERÊNCIA**

No Brasil, as reportagens de telejornal são, indiscutivelmente, a fonte de acesso mais fácil aos acontecimentos diários do país e do mundo. Como gênero jornalístico, sua função implica, em primeiro lugar, num compromisso com a transmissão de informação necessária à compreensão e organização da realidade. (SANTOS e AYRES, 2009)

A atual conjuntura social de correria e excesso de informação provoca a necessidade de uma ambientação de mundo mais fácil e filtrada por parte dos cidadãos comuns. Ao falar de temas cotidianos, presentes na vida diária dos telespectadores, a tevê contribui para uma ambiência, uma esfera de debate comum aos brasileiros. O noticiário televisivo se converteu em um lugar onde se pratica, de uma forma simulada, o exercício democrático das grandes questões sociais. É a “Praça Pública” que converte o exercício da publicização dos fatos como possibilidade da prática da democracia. (VIZEU, 2002, p2)

Mas a verdade é que os debates oriundos dessas transmissões jornalísticas nascem com enfoques marcados pela forma como a notícia é veiculada, pelos enquadramentos que formam imagens públicas e muitas vezes que nascem viciados pela lógica da profissão, pautada pela economia de tempo, objetividade, concisão de texto, jogo de interesses e visões de mundo que nem sempre traduzem a realidade dos fatos. Diante do público, os telejornais se mostram compromissados em seu objetivo de informar o máximo com isenção, pluralidade, clareza e correção, como é o caso do Jornal Nacional (JN). (BONNER, 2009) Mas, nem sempre a cobertura que fazem dos fatos é aprofundada.

A operação de invasão ao Morro do Alemão, por exemplo, ganhou repercussão mundial e ocupou espaço nos principais noticiários nacionais por semanas. A operação que reuniu mais de dois mil homens - entre militares, civis e das Forças Armadas – para combater o tráfico no morro do Alemão e pacificar a comunidade teve início em 28 de novembro de 2010, depois que ações de vandalismo provocaram pânico na cidade do



Rio de Janeiro, e houve pressão por parte da sociedade civil para que a polícia controlasse a atividade criminosa na região. Foram dias de busca e apreensão a drogas, armas e representantes do tráfico. Tudo ocorrido em meio à cobrança de atitude policial pela sociedade civil, e ansiedade dos moradores que esperavam pelo fim da operação e a normalização de suas vidas. O Jornal Nacional fez uma cobertura especial, acompanhando de perto o desenrolar dessa história. As cenas mostradas nas reportagens eram o retrato de uma guerra. O cerco da polícia, a fuga dos criminosos, a sensação de liberdade dos moradores, tudo foi retratado de perto pela mídia nacional. Mas, e quanto à forma como foi retratado? Quem teve voz? O que foi dito? Que identidades foram construídas?

### 3 DOCUMENTÁRIO E O RELATO DE QUESTÕES SOCIAIS

No artigo, *O documentário como gênero audiovisual*, Melo (2002) diz que, diferente de outros gêneros, o “documentário não pode ser definido a partir da presença de determinados enunciados estereotipados ou de tipos textuais fixos (narração, descrição, injunção, dissertação).” Entretanto, afirma que dentre as marcas que caracterizam o gênero está seu caráter autoral, definido como uma construção singular da realidade, um ponto de vista particular do documentarista em relação ao que é retratado. É esse detalhe que faz com que, embora pertencente ao gênero maior do cinema, o documentário seja diferente: a dedicação em mostrar aspectos ou representações de uma determinada realidade não-ficcional.

Em outro trabalho, intitulado *Documentários em busca de um país*, Melo (2003) aponta que,

desde a década de 30, associa-se o filme documentário à obrigatoriedade de uma responsabilidade social. No Brasil, o documentário tem, de fato, desempenhado um forte papel de crítica. Mais do que no jornalismo, é através do documentarismo que a realidade do país tem sido discutida a fundo. Problemas como fome, falta de condições de moradia, violência, tráfico de drogas e desemprego são temas frequentes dos documentaristas, que, muitas vezes, tomam para si a função de denunciar os problemas que assolam a grande massa de excluídos. Devemos ressaltar ainda que, nos dias de hoje, a TV, os jornais e o cinema documental cumprem o importante papel de mediadores das classes menos favorecidas.

Por essas e outras definições, espera-se do documentário o cumprimento de funções midiáticas diferentes daquelas produzidas por reportagens de telejornal. O gênero documental geralmente causa impacto por permitir que a grande massa da



população tenha acesso a uma abordagem de fatos diferente daquela sensacionalista e maniqueísta oferecida pelos veículos de imprensa.

Considerado um marco no tratamento da questão do tráfico, o documentário *Notícias de uma Guerra Particular* (NGP) representa bem esse viés revelador do gênero. Dirigido por João Moreira Salles, em parceria com Kátia Lund, o NGP é considerado por muitos a primeira e mais importante radiografia profunda da questão do tráfico de drogas e armas no Rio de Janeiro. Foi lançado em 1999, e é um dos produtos do gênero que teve maior alcance público, circulando pelo exterior como extra do DVD internacional de *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles. Somente em 2005, foi lançado em DVD no Brasil. Durante 56 minutos, o cotidiano dos traficantes e moradores da favela Santa Marta, no Rio de Janeiro, é retratado de perto. Resultado de dois anos (1997 - 1998) de entrevistas com pessoas ligadas diretamente ao tráfico de drogas, com moradores que vislumbram esta rotina de perto e policiais, o documentário traça um paralelo entre as falas de todos eles, colocando-os no mesmo patamar de envolvimento em uma guerra que não é uma "guerra civil", mas uma "guerra particular". Essa “guerra particular” a qual o título se refere, extraído de uma frase do ex-capitão do BOPE Rodrigo Pimentel, é o combate sem trégua entre policiais e traficantes nas favelas cariocas.

Não há como negar que a obra documental se propõe a tratar os temas com mais proximidade e verossimilhança do que as reportagens. Mas a questão é: se comparado a reportagens que tratam substancialmente o mesmo tema, será que o documentário apresenta, de fato, muita diferença em relação à forma como são feitas as abordagens dos casos?

#### **4 ANALISANDO O PAPEL MIDIÁTICO DO TELEJORNAL E DO DOCUMENTÁRIO NO CASO DE TRAFICANTES E MORADORES DE FAVELA**

As definições que apontam o documentário e a reportagem como gêneros que têm o compromisso de retratar a realidade fazem parecer que ambos cultivam entre si uma relação muito próxima. Essa percepção não deve ser invalidada. Entretanto, é preciso ter em mente que, embora se aproximem quanto à abordagem da realidade e em outras particularidades, reportagem e documentário cumprem diferentes funções midiáticas.



Sobre essas disparidades, Penafria (1999, p.25 *apud* SANTOS e AYRES, 2009) diz que, ao contrário das reportagens, o documentário não se restringe a “noticiar, descrever, explicar ou publicitar”, mas tem como ênfase “tratar os seus temas com profundidade.” Além do que, mesmo no que se trata da transmissão da realidade, os gêneros apresentam diferenças. Enquanto no documentário é permitido o olhar do autor, uma descrição subjetiva da realidade, nos telejornais isso não é possível, a parcialidade não é bem vinda. Compromissados em narrar os fatos cotidianos, as reportagens buscam transmitir uma realidade maximamente objetiva.

Geralmente, a narrativa dos fatos nas reportagens de telejornal é feita com certo distanciamento. Isso não implica, entretanto, que as ideologias estejam ausentes no discurso que é proclamado nelas. Muito pelo contrário, elas estão ali, mas disfarçadas pelo mito da objetividade e da imparcialidade. Vários mecanismos são utilizados para camuflar as intenções que estão por trás do discurso noticioso produzido nas reportagens. O mais notório é a recorrência à fala de outras pessoas, geralmente, as chamadas fontes jornalísticas, as vozes de autoridade.

É o que mostra a cobertura feita pelo Jornal Nacional sobre as operações de invasão ao Morro do Alemão. Nas três reportagens que selecionamos para análise, identificamos a presença de outras personalidades representando/assumindo a opinião do jornalista com o próprio discurso. Em uma delas - exibida em 27 de novembro, dia marcado para a rendição dos traficantes e ocupação do Morro - depois da passagem da repórter Lilian Teles, que entrou ao vivo para falar do que acontecia naquele momento e alertar os traficantes para que se entregassem à polícia, aparece em posição de destaque o comandante da Polícia Militar do Rio de Janeiro, Mário Sérgio Duarte. Tentando disfarçar o tom de ameaça, o representante do poder público, naquela situação, intimou os traficantes a se entregarem, sendo essa a única saída para eles.

Nós estamos ordenando aos criminosos para que se entreguem enquanto ainda há tempo. Os criminosos que quiserem se entregar, que levantem suas armas. [...] Depois que a polícia entrar, a situação será muito difícil. (DUARTE, 2010)

Esse trecho, embora pronunciado pelo comandante da PM-RJ, representa bem a visão da jornalista e do veículo para o qual trabalha em relação aos traficantes. Para não se comprometer, o profissional recorre ao discurso de *outrem* que fala aquilo que ele, por alguma razão, não poderia dizer. Isso não anula seu envolvimento. Ao escolher



aquela figura como representante e dar espaço para que ele acuse e intimide os traficantes, fica clara a intenção da jornalista em colocar esses sujeitos em posição de culpados.

A opção de pôr uma figura pública em destaque é quase sempre a preferida entre jornalistas. As reportagens do Jornal Nacional não contrariam essa tendência. Os representantes do poder público são chamados para passar segurança daquilo que é dito nas reportagens. Consideradas as mais adequadas para falar sobre o que estava acontecendo no Morro do Alemão, vozes de autoridade do Governado Federal e do Governo Estadual do Rio de Janeiro também foram exploradas na cobertura do JN. Depoimentos do governador, Sérgio Cabral, e do Ministro da Defesa, Nelson Jobim, foram utilizados para assegurar a qualidade de vida dos moradores do morro sob o comando do exército, e a participação das Polícias Militar e Civil nas operações de paz na região. As frases de efeito ditas pelo Governador revelam o ideal de expulsão dos traficantes como a solução para os problemas em questão como no mostra o trecho abaixo:

nós vamos continuar com as operações resistentes e a um determinado momento altera-se essas operações, transformando-se em forças de pacificação num momento em que as autoridades operacionais estejam definida; enunciadas pelo ministro, e, eu só tenho, ministro, a agradecer a mais essa ação cívica para uma nova missão, para um novo desafio que é a manutenção da ordem e da paz no Complexo do Alemão. (CABRAL, 2010)

Menos pública que a do governador e a do ministro, a figura de um estudioso da área de segurança, o cientista político da UERJ, João Trajano, também foi utilizada como referência nas reportagens. Em seu depoimento ele diz que é "muito importante, primeiro, manter território ocupado. Segundo, monitorar o deslocamento desses grupos e, sobretudo, das lideranças desses grupos para saber o paradeiro delas" (TRAJANO, 2010). Embora fique claro o ideal de domínio sobre os traficantes, o uso de termos mais leves como *esses grupos* e *lideranças* parece amenizar a firmeza com a qual a reportagem impõe a expulsão dos traficantes do morro.

A verdade é que na voz dessas figuras, os jornalistas têm os objetivos de seu trabalho representados. Fazendo uso da fala de uma terceira pessoa, o jornalista impõe sua opinião despercebidamente diante do público, eximindo-se da responsabilidade pelo o que foi dito. Isso quer dizer que, além de declarações explícitas, o jornalista pode emitir sua opinião fazendo uso do que Bakhtin (*apud* Fairclough, 2001) denomina “discurso de outrem”.



Para Bahktin (2004) essa é uma forma de afirmar uma ideologia “disfarçadamente” no texto. O autor, portanto, transmite e legitima sua ideologia através da fala do outro. Trata-se não apenas de uma simples repetição, mas de uma reacentuação, reenunciação da voz do outro. “O discurso citado é, assim, o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, e, além disso, é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação.” (BAKHTIN, 2004 *apud* SILVA, 2008)

Nesse contexto, Fairclough (2001) defende o discurso como prática política e ideológica. Como prática política, o discurso estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas em que existem tais relações. Como prática ideológica, o discurso constitui, naturaliza, mantém e também transforma os significados de mundo nas mais diversas posições das relações de poder. Trata-se de uma perspectiva que define a linguagem como meio de dominação e de força social, servindo para legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente.

Ao longo de toda cobertura feita pelo Jornal Nacional os traficantes aparecem da mesma forma: representados pela sua violência, responsáveis por causar o caos nas comunidades e nos bairros. O discurso ideológico é de repressão e exclusão social. Quando não pronunciado por uma voz de autoridade, é reiterado ao longo de toda cobertura na fala dos próprios jornalistas. O emprego de termos como *bandidos encurralados*, *criminosos*, *bando* e *quadrilha* reforçam a visão que se tem sobre esses sujeitos.

Tratando os traficantes somente sob o viés do crime, as reportagens imprimem uma figura estereotipada dessas pessoas, depositando sobre elas a culpa de todas as mazelas nos morros e na vida dos moradores. Os últimos, por sua vez, aparecem como vítimas do terror provocado pelo tráfico. Termos como *moradores vítimas*, *moradores aliviados* e *moradores abalados* são a todo momento utilizados no discurso das reportagens. Especialmente no caso da reportagem exibida em 30 de novembro, o foco é relatar as sequelas que as guerras do tráfico deixaram nos moradores. Crianças, principalmente, aparecem como vítimas do terror provocado pelos traficantes. Dessa vez, o discurso é proclamado pela própria jornalista. "Para os moradores é tempo de resgatar a cidadania, tirar documentos e cuidar dos traumas provocados por décadas sob o domínio dos traficantes" (TELES, 2010). Ações de desenvolvimento social e





recuperação dessas pessoas foram apresentadas em meio a depoimentos e pedidos em favor da paz feitos pelos próprios moradores. A intenção era mostrar como a vida na favela, livre do comando do tráfico, poderia ser mais feliz e trazer dignidade na vida dos que lá habitam.

A verdade é que, diferente dos traficantes, os moradores de favela são apresentados mais humanamente em retratos de uma vida cotidiana. Tanto nas reportagens do Jornal Nacional como no documentário *Notícias de uma Guerra Particular* eles aparecem tentando levar uma vida normal mesmo diante das adversidades de viver em comunidades dominadas pelo tráfico. E, mais do que nas reportagens, no documentário eles aparecem complacentes a essa realidade. Conscientes do que é viver em uma comunidade, aceitam o domínio dos traficantes e apontam o lado positivo disso. Em depoimento, a moradora Janete (2010) diz que

o tráfico de um lado melhorou, do outro lado, não. Porque antes de existir o tráfico, a polícia quando entrava na favela, ela já entrava metendo pé na porta da sua casa e já vinha quebrando tudo. Então “essas arma” quando entraram na comunidade, através do tóxico, fez com que eles entrasse com mais cautela.

Pelo o que é mostrado no documentário, o tráfico assume na comunidade um papel governante. Além de defenderem a comunidade da exploração policial, os traficantes assumem a responsabilidade de organizá-la, suprimindo necessidades básicas dos moradores e promovendo melhorias na qualidade de vida dessas pessoas.

A minha filha passa mal assim na madrugada, ou eu, entendeu, aí eu passei na farmácia, às vezes eu levo um dinheiro assim pra poder comprar um remédio, mas o remédio é o triplo daquilo que eu to. Aí eu chego lá no movimento, digo que minha filha tá doente, eles perguntam “Cadê? Me dá a receita!”. Em meia hora o remédio dela chega. (JANETE, 2010)

A liderança do tráfico não é só mostrada pela violência que imprime nos morros. Além de soldados de uma guerra particular contra a polícia militar, no documentário, os traficantes são apontados como funcionários de um negócio. O tráfico de drogas aparece como a fonte de renda através da qual muitos jovens sustentam suas famílias e tentam realizar seus sonhos. No *Notícias de uma Guerra Particular*, o traficante, inclusive, tem voz e a chance de afirmar seu papel diante da comunidade em que vive. "Eu sou cria do morro. Se eu falar que às vezes o morador não me ajuda, eu vou tá mentindo. Se eu falar que eu também não ajudo ele, eu vou tá mentindo que a gente ajuda também. Que realmente isso aí é uma obrigação que a gente tem." É isso o que pensa a maioria deles,



representada no documentário pelo depoimento do chefe do tráfico no Morro da Santa Marta, Adriano.

Traficantes, moradores de favela; por trás desses estereótipos e todo julgamento que é feito, existem seres humanos com personalidades, anseios e papéis sociais. E o documentário faz questão de enfatizar isso. Mostrando os dois lados da vida dos traficantes, possibilita uma visão menos estereotipada e mais sociológica desses sujeitos. A intenção não é apontá-los somente como criminosos. O interesse maior da obra documental é investigar os fatos, revelar questões e promover debates que possibilitem interpretações mais próximas da realidade dessas pessoas. Utilizando a voz de autoridade de uma pessoa diretamente envolvida no dia a dia da comunidade, o líder comunitário, Itamar Silva, o NGP explica um pouco as razões que levam um jovem a se envolver com o tráfico de drogas.

O que leva um jovem a entrar no tráfico. Eu acho que essa juventude, principalmente a juventude que tá na favela, ela busca uma afirmação muito forte nessa cidade. Então eu acho que o tráfico oferece também isso, oferece um respeito que ele não tem quando ele opta por ser um entregador de remédio de farmácia. Acho quando medida que ele abre o jornal e que lê. Na favela o jovem enfrentou a polícia, armado e botou o capuz. Isso alimenta nele esse orgulho, esse poder que ele acha que tem sobre uma sociedade que não reconhece o seu real valor. (SILVA, 2010)

Esse tipo de abordagem esclarece os fatos e anula um pouco aquela perspectiva de repressão e exclusão aplicada nas reportagens. Contudo, essa abordagem aprofundada não exime por completo a culpa dos traficantes pela desordem dos morros e da cidade do Rio de Janeiro. Recorrendo ao depoimento do Capitão do Bope, Rodrigo Pimentel, o documentário cede espaço para que uma opinião oposta seja ouvida. Mais do que como um profissional de segurança pública, o policial aparece como um combatente de guerra. Suas falas explicitam a difícil situação de um policial no Rio de Janeiro que, diariamente, arrisca sua vida na luta contra uma realidade já estabelecida e difícil de ser mudada: o domínio do tráfico nas favelas e seu alcance econômico, social; governamental. "O Rio de Janeiro não está em guerra. Ela não vive uma guerra civil. Se vive uma guerra nos morros. Entre traficantes e policiais ou entre traficantes e traficantes mesmo." (PIMENTEL, 2010)

Tendo como alicerce depoimentos dos três lados envolvidos nessa história - o traficante, o morador e o policial – as questões sociais da favela são discutidas e vão se afunilando, apontando para um plano onde todos estão envolvidos e interligados pela



realidade de violência. O tráfico, por sua vez, aparece sempre como plano de fundo: causa ou consequência, uma espécie diferente de guerra urbana.

## 5 CONCLUSÃO

Não há dúvidas que diante do público o noticiário televisivo se propõe a apresentar as problemáticas sociais de traficantes e moradores de favela de forma correspondente ao que realmente acontece. Mas, analisando os fatos de perto, podemos perceber que a narrativa de verossimilhança é um pouco distorcida. Fazendo uso do discurso de *outrem* e empregando um vocabulário já reconhecido pelo público, as reportagens de televisão estão, na verdade, contribuindo para um comportamento discriminatório e repressor das classes mais abastadas. Os termos abaixo são empregados em todas as reportagens:

### QUANDRO DE NOMEAÇÕES

TRAFICANTES	MORADORES VÍTIMAS
BANDIDOS – BANDO	MORADORES EM PÂNICO
CRIMINOSOS	MORADORES ALIVIADOS
QUADRILHA	

Embora já sejam de senso-comum, eles conotam um discurso de violência. Devidamente empregados ao longo da reportagem, não têm o real significado identificado pelos telespectadores. Como não há rigidez na fala do jornalista, nem expressões e gestos exagerados, a maioria do público não percebe a violência que está por trás do que é dito em forma de notícia. As reportagens foram todas construídas dessa forma: em enunciados livres, os jornalistas imprimem uma identidade estereotipada dos traficantes e moradores de favela.

Já o documentário *Notícias de uma Guerra Particular*, fazendo uso dos mesmos termos e até de outros mais fortes, não representa os traficantes e moradores de favela violentamente. Os depoimentos de todos os envolvidos – traficante, morador, policial, intelectual – são carregados de ironia, arrogância, sentimentalismo e sinceridade. Todos aparecem muito próximos dos papéis sociais que ocupam. Os fatos são escancarados. O policial assume o erro, o traficante faz uma autocrítica de seu comportamento, o morador abre, literalmente, as portas de sua casa para que a aquela realidade seja retratada fielmente.



Isso nos leva a concluir que de forma muito comprometida com o que verdadeiramente acontece nos morros cariocas, o documentário abusa do envolvimento pessoal para construir a identidade dos traficantes e moradores de favela. Mostrar o lado humano dessas figuras é o objetivo real da obra documental e isso fica claro com o emprego de alguns termos como os que estão do quadro abaixo:

### **QUANDRO DE NOMEAÇÕES DOCUMENTÁRIO**

TRAFICANTES	MORADORES
ESSES MENINOS	ESSAS PESSOAS

Construindo a identidade de meninos, jovens e pessoas, o documentário cumpre uma função midiática bem diferente das reportagens de telejornal: a de esclarecer os fatos e promover debates que alterem se alguma forma a estrutura social vigente.



## BIBLIOGRAFIA

BONNER, Wiliam. **Jornal Nacional**: modo de fazer. São Paulo: Globo, 2009.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

JANOT, Marcelo. **A Guerra de todos nós**, 2005. Disponível em: [http://www.criticos.com.br/new/artigos/critica\\_interna.asp?artigo=944](http://www.criticos.com.br/new/artigos/critica_interna.asp?artigo=944)

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **O documentário como gênero audiovisual**. (mimeo.). Salvador: Intercom, 2002

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **Documentários em busca de um país**. In: 12 Encontro Anual da Associação nacional de Programas de Pós-graduação, 2003, Recife. Anais da 123 Compós, 2003. v. 1.

Relatório do **Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (UN-HABITAT)**, 2010. Disponível em: <http://noticias.r7.com/brasil/noticias/brasil-tira-10-milhoes-de-pessoas-das-favelas-entre-2000-e-2010-diz-relatorio-da-onu-0100318.html>. Acesso em 15 de junho de 2010, às 15h30.

SANTOS, Macelle Khouri; AYRES, Melina de la Barrera. **A vida através da tela**: a realidade através do telejornal e do documentário. São Paulo, 2009. (Apresentação de Trabalho/Congresso)

SILVA, Josa Coelho. **As relações dialógicas no gênero notícia**. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura Letra Magna. Ano 04, n. 09, 2º Semestre de 2008.

VIZEU, Alfredo. **Telejornalismo, audiência e ética**. 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-telejornalismo-audiencia-etica.pdf> - consulta em 14/07/2011



**LINKS DE ACESSO AOS VÍDEOS:**

**Rio de Janeiro, 27-Nov-2010, Jornal Nacional - Ultimato da polícia aos bandidos no Rio de Janeiro**

**Parte I** <http://www.youtube.com/watch?v=mRLoyxv041g>

**Parte II** <http://www.youtube.com/watch?v=mP7nVDgguqo>

**Rio 2010, 30-Nov-2010, Jornal Nacional - Guerra Contra o Tráfico de Drogas no Complexo do Alemão**

<http://www.youtube.com/watch?v=195IG80v-0U>

**Rio de Janeiro 2010, 04-Dez-2010, Jornal Nacional - O Exército vai ficar no Complexo do Alemão**

[http://www.youtube.com/watch?v=3EO9WqRaR\\_o](http://www.youtube.com/watch?v=3EO9WqRaR_o)

**Rio de Janeiro, 1998 - Notícias de uma Guerra Particular**

<http://www.youtube.com/watch?v=EAMlhC0klRo>